

Economia cresceu 7,7% no ano passado

Estimativa é do IBGE, que aponta comunicações como setor de melhor desempenho

Rio — O IBGE forneceu, ontem, no Rio, sua estimativa oficial sobre as contas nacionais em 1986, indicando que o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) no ano que passou foi de 7,7 por cento.

Entre os setores, o maior destaque positivo foi para o de comunicações, com um crescimento de 17 por cento, e o único número negativo foi o da agricultura, com uma queda de 7 por cento em relação ao fim de 1985. O item "Governo" apresentou aumento de apenas 2,4 por cento e as instituições financeiras se mantiveram estáveis, sem crescimento ou decréscimo em relação ao ano anterior, segundo o IBGE.

O crescimento da indústria foi de 12 por cento, o do comércio de 13 por cento e o de transportes de 9,5 por cento.

O diretor de Pesquisas e Inquéritos do IBGE, Augusto Guimarães, informou que esta é a primeira vez que o IBGE calcula as contas nacionais, em substituição à Fundação Getúlio Vargas. Por enquanto, foi usada a metodologia anterior, mas ao mesmo tempo em que processa os dados, o IBGE está tratando de modificar os sistemas para 87. Guimarães esclareceu ainda que os dados são estimados, pois levaram em conta números obtidos até outubro, com as necessárias adaptações para apresentar uma projeção em relação a todo o ano.

Boom pode repetir o milagre

O índice preliminar de 7,7 por cento de crescimento do Produto Interno Bruto, mesmo ficando aquém das expectativas mais otimistas de técnicos do Governo, significa que nos últimos dois anos o Brasil viveu uma fase de crescimento só comparável à do chamado milagre, no início da década de 70. Embora os elevadíssimos índices desse período não tenham sido batidos agora, desde essa época não se registravam dois anos consecutivos com elevação média de 8 por cento.

Em 1973 e 1974, os dois últimos anos do milagre, conseguiram-se respectivamente índices de 13,6 e 9,7 por cento de crescimento do PIB. Mas o governo Médici, ao mesmo tempo em que concentrava a renda e segurava os salários, não chegou a prever a crise do petróleo que se abateria já em seu final. Já no governo Geisel, o ano de 1976 registrou um bom índice, 9,7 por cento, mas em 1975

e 78 não se conseguiu atingir os 6 por cento.

De qualquer forma, no período Geisel obtiveram-se sempre índices muito superiores à média mundial, com crise do petróleo e tudo. A média atingia, entretanto, ficou inferior à desses primeiros dois anos de Nova República. Já o governo Figueiredo enfrentou pior sorte. Foi nessa época que, pela primeira vez na história republicana o Brasil registrou crescimento negativo do PIB.

Isso aconteceu em 1981, após resultados bons em 1979 (6,4 por cento) e 1980 (7,2 por cento). Já no ano seguinte, o índice seria de 1,6 por cento negativo. Ano eleitoral, 1982 mostrou um pequeno crescimento, de 0,9 por cento. Mas 1983 teria a maior queda já verificada no País: 3,2 por cento negativos.

Isso significou três anos seguidos de declínio na renda per capita, a maior recessão já vivida pelos brasileiros. Nesse período, ca-

da cidadão do País perdeu em média 22,3 por cento de sua renda, um baque que nem mesmo os 4,5 por cento positivos que se alcançou em 1984 seriam capazes de recuperar.

Essa recuperação só se tornou mais nítida em 1985, primeiro ano do governo Sarney, em que o PIB cresceu 8,3 por cento. Os 7,7 por cento de 1986, se confirmados, completarão o melhor biênio desde 1973-74. Nos ministérios da Fazenda e do Planejamento, porém, há ainda a expectativa de que os últimos dados a serem computados pelo IBGE e pela Fundação Getúlio Vargas revelem um número ainda superior ao preliminar. Para justificar essa expectativa, os técnicos lembram que o setor financeiro, que registrou uma forte queda logo após o Plano Cruzado, melhorou sua performance. Já a indústria manteve bom índice até o final do ano, apesar de problemas como a falta de matéria-prima.